

MAL-ESTAR DOCENTE DIANTE DA ESTRATÉGIA DO MERCADO DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Isael de Jesus Sena¹

Nas duas primeiras décadas do século XXI, temos observado o crescimento do conglomerado de grupos ligados ao mercado educacional sob a forma de financeirização da educação na bolsa de valores. Essas empresas tendem a tratar, majoritariamente, como mercadoria, a educação, pois esta pode ser negociada ou capitalizada. A prevalência da discursividade do privado, em suas várias formas de fetiche – “o privado é bom por natureza” – em vez de defender a educação pública, mascara nossos antigos problemas educacionais e o modo como pensamos a educação para todos.

Desde o final da década de 1990, é possível acompanhar a evolução do discurso do *ethos* empresarial na educação superior. Atualmente, para um conjunto de estabelecimentos de ensino superior privados denominados instituições-empresas, de capital aberto, que negociam seus títulos, a formação acadêmica tornou-se um grande mercado. As “indústrias dos serviços educacionais” dispensam o uso da metáfora para explicar seus fins, pois tendem a conceber a formação sob a ótica utilitarista.

Um recente relatório mostrou como o capital financeiro se insere na educação brasileira. Vale destacar que, no Brasil, existem diferentes modalidades de instituições educacionais privadas. As de longa data, denominadas instituições filantrópicas, geralmente, são vinculadas a entidades religiosas. Além dessas, há empresas limitadas e sociedades anônimas de capital fechado e de capital aberto (FRONT, 2020). É sobre o último modelo de instituição-empresa, que negocia seus títulos de propriedade na bolsa de valores, que lançamos a nossa crítica.

Para alcançarem seus fins, as empresas educacionais utilizam boas estratégias de *marketing*: formações mais reduzidas, isto é, em período abreviado; valores acessíveis, com baixo custo; processos seletivos menos rígidos; customização da formação, por exemplo, “estude onde quiser e como quiser”, com mais acesso às disciplinas no formato *on-line*; além de enunciados atrativos ao ofertar a formação-produto para criar demanda, como “faça uma segunda formação e ganhe um desconto” ou “seja um professor e aumente a sua renda”. Todos esses enunciados mostram um modo de discursividade e de laço social regido pela ética do

¹ Psicólogo (UNIFACS), Psicanalista (APOLa). Doutor em Ciências da Educação (Universidade Federal de Minas Gerais e Université Paris 8). Pós-doutorado em Psicanálise e Educação (Université Paris 8). senaisael@gmail.com.

discurso do capitalista, segundo o qual a mercadoria-formação é feita sob medida, destituída, em muitas situações, de implicação e desejo.

Nesses empreendimentos educativos dissemina-se a ideia de que eles estão imbuídos de um propósito social de “democratização do acesso à ‘universidade’”. Lacan (2008) mostrou que a “absolutização do mercado” reduziu a cultura a um valor comercial. “O saber também vale dinheiro”, ou seja, há “um mercado, um mercado do saber” (p.37). Resta-nos descobrir quais efeitos isso produz na posição enunciativa do professor.

No contexto apresentado, é muito comum que o trabalho docente seja exercido por profissionais liberais, em alguns casos, pouco identificados com a docência, os quais praticam o magistério no tempo “livre” como *horistas* e queixam-se de serem instrumentalizados por meio de contratos de trabalho frágeis, isto é, isentos das garantias dos direitos trabalhistas. Não é coincidência notarmos o crescimento dos índices de demissão de professores, os quais, gradativamente, são substituídos pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) associadas aos modos sofisticados de inteligência artificial. O professor, parafraseando Lacan (1992), é um “cúmplice precário” de uma montagem perversa, instrumento e objeto do Outro mercado universitário (SENA, 2020). De Lacan (1972-73, p. 132), também destacamos o seguinte diagnóstico: “estamos em tempos de *Supermarkets*, então, temos que saber o que somos capazes de produzir, em matéria de ser”.

Examinemos três relatos extraídos de entrevistas realizadas com professores² que exerciam a docência em instituições de ensino superior de caráter mercantil (SENA, 2020). Esses enunciados mostram contradições e ambiguidades do modelo institucional adotado, impasses e mal-estar vivenciados pelas professoras, como efeitos da estratégia do mercado sobre a formação universitária.

Relatos das professoras

Professores	Relatos
Patrícia	Os currículos são afunilados [...] O assunto vem engessado. Já vem tudo pronto. A gente tem que enfiar na cabeça do aluno. O professor não tem o direito de fazer uma aula.
Perséfone	Eu dava essa disciplina muitos anos atrás [...] ela se tornou interativa, aí fiquei frustrada [...] Era a disciplina que eu mais gostava de dar. Eu me programava para receber visitantes [...] Eu tentei argumentar: "mas essa disciplina tem tanta troca de exemplos, de experiência, tem que ser presencial". E, aí, não teve argumento. A coordenadora disse "eu

² Nomes fictícios.

	também concordo, mas não posso fazer nada". Veio de cima, virou interativa.
Julieta	Eu lecionava a disciplina de ética e fui demitida porque a aula virou virtual [...] Depois que assinei a minha carta de demissão, eu falei: "Meu Deus, o que farei amanhã sem esses alunos?". Às vezes, dá muito trabalho, a gente fica cansada demais, a falta deles é incrível. Eu fui para casa angustiada.

Elaboração do autor: SENA, 2020.

Esses três relatos mostram como fatores contingenciais, como a lógica do mercado, contribuem para a produção do mal-estar docente. O mercado, sem qualquer restrição, prescindindo da ética, ou guiado por uma “ética da violência” do ideal neoliberal, transforma o ensino e o conhecimento em mercadorias. Assim, a estratégia empresarial na educação, ao transformar disciplinas presenciais em interativas – virtuais –, atende, em princípio, a uma regra da rentabilidade. Observemos que é algo muito promissor que o mercado educacional, em nome de interesses econômicos, possa gozar do privilégio de obter mais lucros com menos despesas, ainda que, em nome das vantagens, não se preocupe com os efeitos deletérios produzidos em nome do gozo dos interesses individuais-privados dos empresários. Como destacou a professora, “os currículos são afunilados” e o “assunto vem engessado”, ou seja, podemos empregar a metáfora da “mcdonaldização” do conhecimento na forma de informação. Ainda sobre esse mesmo relato, o enunciado que se refere à aprendizagem como processo de “enfiar (informação) na cabeça do aluno” parece reduzir a formação universitária, exclusivamente, a uma relação de *input* e *output* de informação. Nesse sentido, o professor perde a sua autonomia, ao passo que, sem o “direito de fazer uma aula”, o modelo adotado pela instituição exclui ambas as dimensões do desejo: do professor e do estudante. Depreende-se dessa formação que o modelo adotado pela lógica empresarial contribui para empobrecer a experiência da passagem pela vida universitária e a construção de um trabalho formativo por meio do qual alunos e professores estariam implicados sob o modo de transferência.

Retomando o segundo relato, o uso do significante *argumentar*, empregado no sentido de reivindicar pela professora Persefone, mostra um conjunto de atividades produzidas por ela para tornar rica a experiência da disciplina presencial. Ainda que a coordenadora estivesse sensível e concordasse em não alterar a forma de ensino da disciplina presencial; ambas, professora e coordenadora, não foram capazes de produzir mudança sobre a decisão da direção da faculdade que, arbitrariamente, mas seguindo as leis mercantis, altera para a modalidade *on-line* uma disciplina com programa já definido anteriormente. Lacan (1992a), em seu texto “Kant com Sade”, mostra, de forma magistral, a reivindicação de Sade da possibilidade de uma

liberdade total para o indivíduo desejante. Equivaleria dizer que Sade seria a metáfora do Mercado, o qual pode ser resumido da seguinte forma: “Tenho o direito de gozar do teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de saciar nele” (LACAN, 1992, p. 780).

Um outro modo de leitura acerca da problemática do *ethos* empresarial na educação é conceber a instância do Mercado, com a sua “mão invisível”, como uma espécie de tirano. Como define Lebrun (1997), o tirano é uma figura abusiva do mestre que suprime o outro, que não considera a existência do outro. A consistência do tirano se revela pelo direito de impor sua lei aos outros, desconsiderando, desse modo, a alteridade. Assim, a tirania pode ser lida como um abuso do poder paterno. “A tirania é a figura social do pai abusivo que aproveita-se de sua posição de exceção, de seu lugar de autoridade que lhe é reconhecido, de seu lugar de enunciador para realizar as coisas como ele entende” (LEBRUN, 1997, p. 101, tradução nossa).

Seguindo o raciocínio da lógica empresarial aplicada à educação, vale a máxima “contra fatos não há argumentos”. A contingência do mercado prescinde da autoridade enunciativa do professor, o qual, destituído e apagado pela arbitrariedade empresarial, acaba sendo demitido, como relatou a professora Julieta, que voltara angustiada para casa depois de ter assinado “a carta de demissão” e ter a sua disciplina de ética transformada em conteúdos interativos. Nessa direção, Lacan (1992b) estava convicto de que o discurso do capitalista em seus múltiplos semblantes rejeita a castração e as coisas do amor. Podemos acrescentar o amor ao saber. Assim, a lógica do mercado, aplicada ao trabalho docente, produz efeitos perversos. A objetificação do professor e o ensino reduzido à sua utilidade instrumental deixam alunos e professores desabitados de desejo.

REFERÊNCIAS

FRONT, Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. *A educação brasileira na bolsa de valores: as oito empresas privadas de capital aberto que atuam no setor educacional*. São Paulo, 2020.

LEBRUN, Jean Pierre. *Um monde sans limite: Essai pour une clinique psychanalytique du social*. Paris: Érès, 1997.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992a

LACAN, Jacques. (1969-1970b). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992

LACAN, Jacques (1968-1969). *O seminário, livro 16: de um Outro ao Outro*. Rio de Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques (1972-1973). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SENA, Isael de Jesus. A controversa democratização do acesso ao ensino superior privado: o que dizem os professores na berlinda. *Estilos da Clínica*, v. 25, n. 3, p. 423-438, 2020.